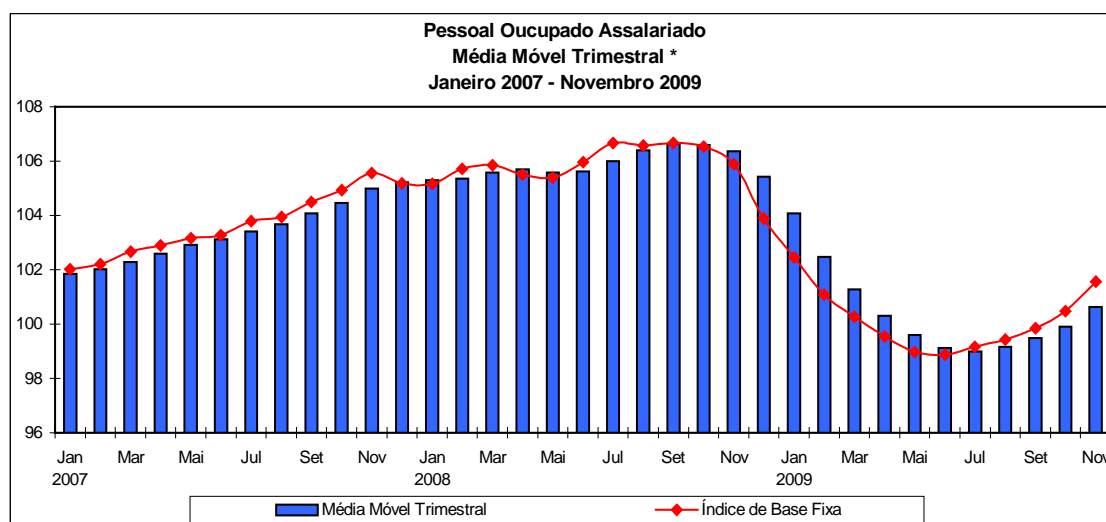


## COMENTÁRIOS

### PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Em novembro de 2009, o emprego industrial avançou 1,1% frente ao mês anterior na série livre de influências sazonais, maior expansão desde o início da série (janeiro de 2001) e o quinto resultado positivo consecutivo, acumulando nesse período ganho de 2,7%. Com estes resultados, o índice de média móvel trimestral avançou 0,7% em novembro, quarta taxa positiva consecutiva, e acelerou o ritmo de crescimento frente aos últimos meses: 0,2% em agosto, 0,3% em setembro e 0,4% em outubro.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria  
\*série com ajuste sazonal

Na comparação com iguais períodos de 2008, os índices mantiveram-se negativos: queda de 4,1% frente a novembro do ano passado; -5,5% no indicador acumulado no ano e recuo de 5,2% na taxa anualizada, indicador acumulado nos últimos doze meses, que manteve a trajetória descendente iniciada em agosto do ano passado (3,0%).

No confronto novembro 09/novembro 08, o emprego industrial apontou queda de 4,1%, décima segunda taxa negativa consecutiva, com redução do pessoal ocupado em treze das quatorze áreas investigadas e em dezesseis dos dezoito segmentos industriais. Entre os locais pesquisados, São Paulo (-3,0%) exerceu o maior impacto negativo na taxa global, seguido por Minas

Gerais (-9,1%), região Norte e Centro-Oeste (-6,5%) e Paraná(-5,5%). No estado paulista, as maiores influências negativas vieram de meios de transporte (-13,6%), máquinas e equipamentos (-9,3%) e produtos de metal (-11,3%). Em Minas Gerais, com queda de 28,3% nas contratações, o setor de vestuário apontou o maior impacto negativo, seguido por alimentos e bebidas (-7,1%) e metalurgia básica (-13,1%). Na região Norte e Centro-Oeste, as maiores perdas foram assinaladas em madeira (-29,6%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-18,4%). Já no estado paranaense, outros produtos da indústria de transformação (-19,7%) e madeira (-17,1%) exerceram as principais pressões negativas.

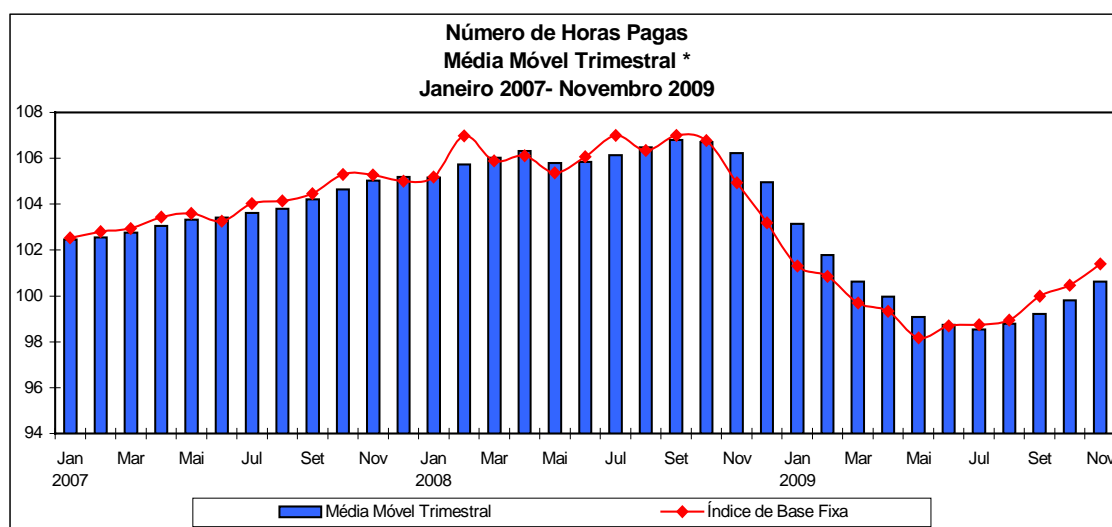
No corte setorial, ainda nesse tipo de comparação, as perdas mais relevantes vieram de meios de transporte (-10,4%), máquinas e equipamentos (-9,0%), produtos de metal (-8,4,%) e madeira (-17,6,%). Por outro lado, papel e gráfica (7,6%) e fumo (2,1%) foram as únicas atividades que apontaram crescimento do pessoal ocupado nessa comparação.

No indicador acumulado no ano, a taxa do emprego industrial também foi negativa (-5,5%), desempenho apoiado nos decréscimos dos quatorze locais investigados, com destaque para São Paulo (-4,1%), Minas Gerais (-8,7%), região Norte e Centro-Oeste (-8,8%) e Rio Grande do Sul (-7,2%). Setorialmente, ainda neste tipo de índice, o emprego industrial recuou em dezessete dos dezoito setores investigados, com meios de transporte (-9,9%), máquinas e equipamentos (-8,9%), vestuário (-8,1%) e produtos de metal (-9,3%) exercendo as principais pressões negativas. Em sentido contrário, papel e gráfica (7,0%) foi o único segmento que assinalou taxa positiva.

Em síntese, a evolução positiva dos índices do emprego industrial e do número de horas pagas, nos últimos meses, reflete o maior dinamismo da atividade produtiva, segundo o confronto mês/mês anterior e o índice de média móvel trimestral. Contudo, nas comparações contra iguais períodos do ano anterior, os resultados permaneceram negativos mas com redução no ritmo de queda frente aos meses anteriores.

## NÚMERO DE HORAS PAGAS

Em novembro de 2009, o setor industrial ampliou em 0,9% o número de horas pagas na comparação com o mês anterior, já descontadas as influências sazonais, completando, assim, seis expansões consecutivas, acumulando nesse período crescimento de 3,3%. Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral avançou 0,8% em novembro, confirmando a trajetória ascendente iniciada em agosto último.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria  
\*série com ajuste sazonal

Nos outros indicadores, porém, os índices permaneceram, mais uma vez, negativos: -3,6% na comparação com novembro de 2008, -6,0% no acumulado no ano e -5,6% no acumulado nos últimos doze meses.

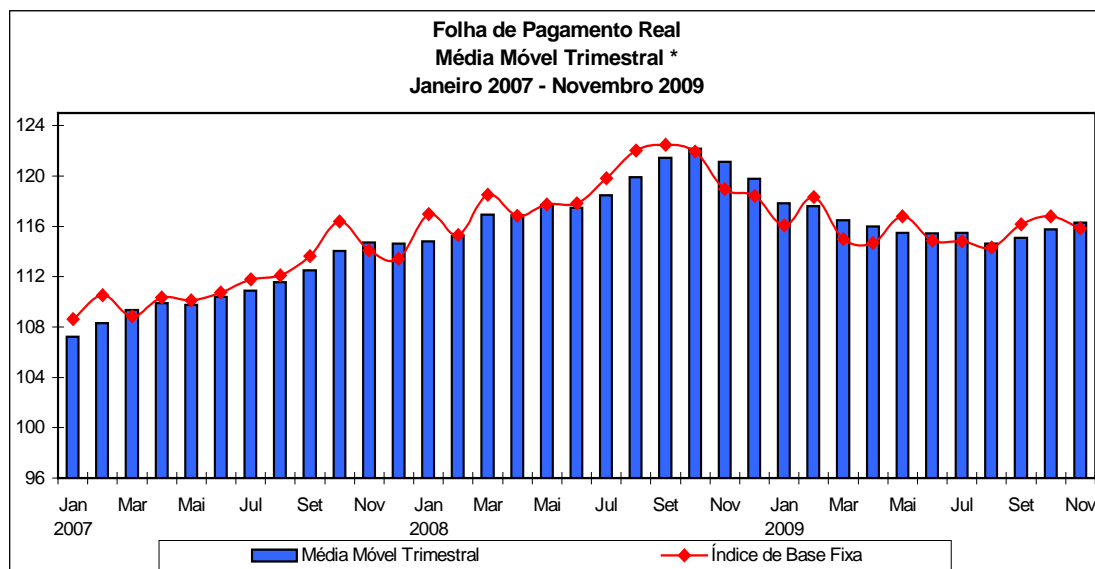
No comparativo novembro 09/novembro 08, treze dos quatorze locais pesquisados reduziram o número de horas pagas na produção, com as principais contribuições negativas para a taxa global de -3,6% vindo de Minas Gerais, com queda de 7,8%, da região Norte e Centro-Oeste (-7,9%) e de São Paulo (-1,9%). Em Minas Gerais, os principais impactos negativos vieram de vestuário (-28,4%), alimentos e bebidas (-6,3%) e metalurgia básica (-15,1%); na região Norte e Centro-Oeste, madeira (-34,5%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-18,0%) exibiram as perdas mais importantes; e em São Paulo, destacaram-se os recuos de meios de transporte (-10,0%) e de máquinas e equipamentos (-10,3%). Em

sentido contrário, apenas Ceará (2,7%) ampliou o número de horas pagas na produção, impulsionado em grande parte pelo avanço em calçados e couro (14,5%). Ainda na comparação com novembro de 2008, verifica-se redução no número de horas pagas, no total do país, na maior parte (quatorze) dos dezoito setores pesquisados, com destaque para os impactos negativos vindos de máquinas e equipamentos (-10,2%), madeira (-19,5%) e meios de transporte (-6,6%). Por outro lado, papel e gráfica (8,7%) assinalou a contribuição positiva mais relevante nesse tipo de comparação.

O índice acumulado de janeiro-novembro de 2009, contra igual período do ano anterior, permanece com queda generalizada, atingindo todos os locais e quinze das dezoito atividades pesquisadas. Setorialmente, os impactos negativos mais importantes na formação da taxa global de -6,0% foram: máquinas e equipamentos (-11,2%), meios de transporte (-11,1%), vestuário (-8,0%) e produtos de metal (-9,3%). Em sentido contrário, as indústrias de papel e gráfica (6,3%), refino de petróleo e produção de álcool (1,5%) e minerais não metálicos (0,1%) foram as únicas que ampliaram o número de horas pagas na produção. Regionalmente, ainda nesse tipo de comparação, as maiores pressões negativas sobre a média global vieram de São Paulo (-4,4%), Minas Gerais (-8,4%) e região Norte e Centro-Oeste (-10,0%).

#### **FOLHA DE PAGAMENTO REAL**

Em novembro de 2009, o valor da folha de pagamento real dos trabalhadores da indústria ajustado sazonalmente recuou 0,8% em relação ao mês imediatamente anterior, após ter crescido por dois meses seguidos, acumulando ganho de 2,2% nesse período. Com estes resultados, o índice de média móvel trimestral apontou acréscimo de 0,4% em novembro, terceira taxa positiva consecutiva, com expansão de 1,4% nesse período.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria  
\*série com ajuste sazonal

Nas comparações com iguais períodos do ano anterior, os resultados continuaram negativos: -2,7% tanto no indicador mensal como no acumulado no ano. A taxa anualizada, indicador acumulado nos últimos doze meses, ao passar de -1,4% em outubro para -2,0% em novembro, acentuou o ritmo de queda e prossegue em trajetória decrescente desde setembro de 2008 (6,7%).

Na comparação novembro 09/novembro 08, o valor da folha de pagamento real apresentou queda de 2,7% em relação a igual mês do ano anterior, com taxas negativas em nove dos quatorze locais pesquisados. A maior contribuição negativa veio de Minas Gerais (-12,3%), pressionada pelos recuos vindos de metalurgia básica (-32,5%), indústrias extrativas (-25,2%) e vestuário (-24,3%). Vale citar também as perdas assinaladas por São Paulo (-2,1%), em função de produtos de metal (-17,6%) e produtos químicos (-7,4%); e região Norte e Centro-Oeste (-6,9%), por conta de alimentos e bebidas (-5,7%) e madeira (-25,8%). Em sentido oposto, o maior impacto positivo veio do Espírito Santo (23,8%), influenciado pelo crescimento de 150,6% da metalurgia básica, por conta do pagamento de participação nos lucros ocorridos em novembro de 2009.

Setorialmente, ainda no indicador mensal, o valor da folha de pagamento real recuou em quatorze dos dezoito setores, com destaque para produtos de metal (-13,1%), produtos químicos (-6,9%), metalurgia básica (-9,8%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-5,6%).

Por outro lado, papel e gráfica (13,3%), têxtil (5,4%), outros produtos da indústria da transformação (4,3%) e fumo (7,8%) foram as atividades que apontaram taxas positivas.

O indicador acumulado no ano recuou 2,7%, com redução no valor da folha de pagamento real em dez dos quatorze locais. As principais influências negativas foram registradas em São Paulo (-2,6%), Rio Grande do Sul (-7,3%) e Minas Gerais (-6,3%). Nestes locais, as maiores quedas foram observadas, respectivamente, em meios de transporte (-5,8%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-8,7%); meios de transporte (-16,3%) e máquinas e equipamentos (-9,4%); e metalurgia básica (-16,2%) e meios de transporte (-8,6%). Em sentido contrário, Espírito Santo (4,9%) e Rio de Janeiro (1,2%) exerceram os maiores impactos positivos, em função, respectivamente, da expansão de 12,2% na metalurgia básica e de 11,9% na indústria extrativa. Em termos setoriais, doze atividades reduziram o valor da folha de pagamento real, com meios de transporte (-5,7%), metalurgia básica (-11,6%), máquinas e equipamentos (-5,5%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-6,9%) exibindo as principais pressões negativas. Por outro lado, os maiores impactos positivos vieram de papel e gráfica (13,3%) e indústria extrativa (9,0%).